

É Preciso Acabar Com Isso de Uma Vez Por Todas

(Inclusão da 1ª pag.)

Resolvi entrevistar Martins e fui procurá-lo num posto de tratamento da frente, onde me disseram que ele devia estar. Lá me informaram que ele tinha sido mandado para um hospital de evacuação, muitos quilômetros para a retaguarda — e para encurtar conversa eu andei mais tarde de posto em posto, de hospital em hospital, e até agora ainda não encontrei o diabo do pretinho. Encontrarei.

No posto de tratamento estavam dois homens que acabavam de ser feridos em um desastre de "jeep" e um outro com um estilhaço de granada na barriga da perna.

— Padioleiros, depressa!

Os homens saíram para apertar o ferido — mas quando eles entraram eu estava procurando o nome de Martins no fichário, e não ergui os olhos. O médico me informou que como o ferimento era leve eu devia procurá-lo em tal hospital; talvez já tivesse tido alta... Foi então que distraidamente me voltei para a mesa onde estava sendo atendido o último ferido — e tive uma surpresa. Quem estava ali não era um desses homens barbudos de botas enlameadas e uniforme de lá sujo que são os fregueses habituais do posto. O que vi ao me voltar foi um pequeno corpo alvo e fino que tremia de dor.

Um camponês velho deu as informações ao sargento: Silvana Martinelli, 10 anos de idade.

A menina estava quase inteiramente nua, porque cinco ou seis estilhaços de uma granada alemã a haviam atingido em várias partes do corpo. Os médicos e os enfermeiros, acostumados a cuidar rugos corpos de homens, inclinavam-se sob a lampada para extrair os pedaços de aço que haviam dilacerado aquele corpo branco e delicado como um lírio — agora marcado de sangue. A cabeça de Silvana descansava de lado, entre cobertores. A explosão estúpida poupou aquela pequena cabeça castanha, aquele perfil suave e firme que Da Vinci ou qualquer genio da Renascença amaria desenhar. Labios cerrados, sem uma palavra ou um gemido, ela apenas tremia um pouco — e quando lhe tocavam

num ferimento, contraia quase imperceptivelmente os músculos da face. Mas tinha os olhos abertos — e quando sentiu a minha sombra ergueu-os um pouco. Nos seus olhos não vi essa expressão de cachorro batido dos estropiados, nem essa luz de dor e raiva dos homens coitados no calor do combate, nem essa impaciência dolorosa de tantos feridos, ou o desespero dos que acham que vão morrer. Ela me olhou quietamente. A dor contraia-lhe, num pequeno tremor, as pálpebras, como se a luz lhe ferisse um pouco os olhos. Ajeitei-lhe a manta sobre a cabeça, protegendo-a da luz e ela voltou a me olhar daquele jeito quieto e firme de menina correta.

Deus, que está no Céu — se é que, depois de tantos desgovernos cruéis e tanta criminosa desídia ninguém o pôs para fora de lá, ou Vós mesmo, Senhor, não vos peçais de estar aí quando Vossos filhos andam neste inferno! — Deus sabe que tenho visto algum sofrimento de crianças e mulheres. A fome dessas meninas da Itália que mendigam na entrada dos acampamentos, a humilhação dessas mulheres que diante dos soldados trocam qualquer dignidade por um pedaço de chocolate — nem isso, nem o servilismo, triste mais que tudo, dos homens que precisam levar pão à sua gente — nada pode estragar a minha confortável guerra de correspondente. Vai-se tocando, vai-se a gente acostumando no ramerrão da guerra: é um ramerrão como qualquer outro; e tudo entra nesse ramerrão — a dor, a morte, o medo, o disco de Lili Marlene junto de uma

18.3.45

— Segue —

A menina Silvana - Fe. 45 - FEB

ladeira que estala, a lama, o vinho, a cama-rote, a brutalidade, a ajuda, a ganancia dos aproveitadores, o heroismo, as cansadas pilherias — mil coisas no acampamento e na frente, em sucessão monotona. Esse conhecido que o frio da madrugada desaiña não me estraga a lembrança de antigos quartéis de ilusão, com alvorada de violino — Senhor, eu juro, sou uma criatura rica de felicidades meigas, sou muito rico, muito rico, ninguém nunca me amargará demais. E às vezes um homem recusa comover-se: meninas da Toscana, eu vi vossas irmanzinhas do Ceará, barrigudinhas, de olhos febris, desidratadas, pequenos trapos de poeira humana que o vento da seca ia a tocar pelas estradas. Sim, tenho visto alguma coisa e também ha coisas que homens que viram me contam: a ruindade fria dos que exploram e oprimem e proibem pensar, e proibem comer, e até o sentimento mais puro torcem e estragam, as vaidades monstruosas que são massacres lentos e frios de outros seres — sim, por mais distraído que seja um repórter ele sempre, em alguma parte em que anda, vê alguma coisa.

Muitas vezes não conta. Há 13 anos trabalho neste campo — e muitas vezes não conto. Mas conto a história sem enredo dessa menina ferida. Não sei que fim levou e se morreu ou está viva, mas vejo seu fino corpo branco e seus olhos esverdeados e quietos. Não me interessa que tenha sido inimigo o canhão que a feriu. Na guerra, de lado a lado, é impossível, até um certo ponto evitar essas coisas. Mas penso nos homens que começaram esta guerra e nos que permitiram que eles começassem. Agora é tocar a guerra — e quem quer que possa fazer qualquer coisa para tocar a guerra mais depressa, para aumentar o numero de bombas dos aviões e tiros das metralhadoras, para apressar a destruição, para aumentar aos montes a colheita de mortes — será um patife se não ajudar. É preciso acabar com isso, e isso só se acaba a ferro e fogo, com esforço e sacrifícios de todos, e quem pode mais deve fazer muito mais, e não cobrar o sacrifício do pobre e se enfeitar com as glórias fáceis. É preciso acabar com isso, e acabar com os homens que começaram isso e com tudo o que causa isso — o sistema idiota e bárbaro de vida social onde um grupo de privilegiados começa a matar quando não tem outro meio de roubar.

Pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana (sem importância nenhuma no oceano de crueldades e injustiças), pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana (mas oh hienas, oh porcos, de voracidade monstruosa, e vós também, águas pançudas e urubu's, oh altos poderosos de conversa fria ou voz frenética, que coisa mais sagrada sois ou conheceis que essa quieta menina camponesa?) pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana (oh negociantes que roubais na carne, quanto valem esses pedaços esfaçalhados?) — por esse pequeno ser simples, essa pequena coisa chamada uma pessoa humana, — é preciso acabar com isso, é preciso acabar para sempre, de uma vez por todas.

18.3.45

A menina Silvana - Fev. 45 - FEB

191